

**UMA REVOLUÇÃO QUE NÃO ACONTECEU:** os integralistas de Garanhuns-PE pegam em armas para acabar com o Estado Novo (1937)

Márcio André Martins de Moraes\*

Durante o Estado Novo (1937-1945), estando a Ação Integralista Brasileira na ilegalidade política, diversas tentativas de golpes de alguns militantes do integralismo foram ensaiadas em todo Brasil. Algumas acabaram desarticuladas pela polícia, outras nem saíram do papel. O fechamento dos núcleos da AIB em todo o país e a perseguição aos membros do integralismo motivou a organização e realização de levantes contra o novo regime. Além disso, havia certa decepção com a postura subserviente de Plínio em relação ao governo Vargas. No entanto, como destacou Gustavo Miranda, a apatia política de Salgado fazia parte da tática escolhida por esse para articular livremente com seus militantes e membros das Formas Armadas insatisfeitos com a nova situação política do país que juntos planejavam um golpe contra o presidente da República e não macular sua imagem de político cristão e defensor da ordem social. (Cf.: MIRANDA, 2009)

Com o novo regime político no Brasil, os integralistas, que durante a década de 1930 colocaram-se como aliados do governo de Getúlio Vargas no combate ao comunismo e também foram, no pós-37, foram também classificados como inimigos da ordem social e política do país. Sendo assim os camisas-verdes acabaram igualados em grau de periculosidade aos “emissários de Moscou”. O Estado Novo, seguindo um caminho que o conduzia a uma administração de tendências autoritárias, pautou suas práticas políticas no argumento de que estava defendendo a ordem social das ações de grupos subversivos. O sociólogo Zigmunt Bauman, ao discutir sobre as estratégias doutrinárias e administrativas dos governos extrema-direita destacou: "A ordem está continuamente engajada na guerra pela sobrevivência. O outro da ordem não é uma outra ordem: sua única alternativa é o caos." (BAUMAN, 1999:14)

---

\* Mestre em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Essa pesquisa foi financiada pelo Pós-graduação da FACEPE/CNPq. Contato: [marcioammoraes@hotmail.com](mailto:marcioammoraes@hotmail.com)

Depois da desarticulação do inimigo da ordem que era o comunismo, chegou o momento de se “eleger” outro que traria o caos para a sociedade brasileira e deveria por isso ser combatido pelo governo, o escolhido foi o integralismo. A divulgação de um cenário marcado por combates entre os defensores da ordem e os que trariam a desordem social, tornou-se a base dos argumentos estadonovista. Nesse momento, os discursos dos membros do governo Vargas tenderam a legitimar uma atuação mais intensa dos investigadores da DOPS. Nesse sentido, a historiadora Elizabeth Cancelli argumentou que em um Estado de tendências autoritárias como o Estado Novo varguista, a polícia política possuía uma função vital, a qual era de defender os alicerces da ordem social instituída pelo governo. Para isso, acumularia as funções de policial e juiz, utilizando-se das suspeitas contra grupos e/ou indivíduos considerados como inimigos do *status quo*. (Cf.: CANCELLI, 1993)

A atitude do governo frente ao integralismo levou a expectativa da realização do que muitos chamavam de uma “revolução integralista”. Todavia, o controle policial sobre as atividades integralistas teve seu início antes mesmo da criação do Estado Novo. Percebe-se isso pelo grande número de relatórios policiais e telégrafos entre os delegados da DOPS em relação ao cotidiano dos camisas-verdes. A exemplo disso, em agosto de 1937, aproximadamente três meses antes da implantação do novo regime político, o investigador nº 77, que tinham como missão traçar um panorama da AIB nos municípios do interior pernambucano, relatou o seguinte para os seus superiores:

*No dia de minha chegada a Garanhuns [12 de agosto de ouvi de algumas pessoas, inclusive dos integralistas, que, si o Dr. Carlos de Lima fosse condenado pelo Tribunal de Segurança, elles, integralistas, fariam ‘a marcha sobre o Recife’, para se apossarem do governo; nessa noite fiz observação na séde do núcleo, nada se verificou nella que chamasse a minha atenção. Segundo informações por mim obtidas, o Snr. Álvaro Vianna tem em seu poder 5.000 cartuchos de fuzil mauzer, o que foi pelo mesmo dito ao Snr. Kosaphá Ferreira em palestra amistosa. Um representante do Laboratório Raul Leite que, mais ou menos há um anno, estava em Garanhuns, precisando tratar de negócios com o Dr. Carneiro Leão, foi ao consultório deste e lá fii grande quantidade de fuzis e algumas pessoas, tendo o referido doutor dito a elle que estava se preparando para receber uns communistas que iam arrancar os trilhos da Great Western e, após isto, atacar a todos os integralistas; a ser verdadeira a existência desse fuzis em poder do referido doutor, elles só poderão estar em uma propriedade que é situada próximo ao povoado de S. Pedro, Município de Garanhuns. (Relatório do investigador nº77. Prontuário Funcional nº 1027. Recife, DOPS-PE/APEJE. (grifo nosso))*

A escrita desse policial representou aqueles que viam o integralismo com certo receio, pois o movimento vinha crescendo em número de adeptos em todo o país e tornava-se uma ameaça real ao então Estado democrático brasileiro. Essas informações relativas ao poder bélico com a implantação do Estado Novo serviu para corroborar com a imagem que a AIB representava uma ameaça real, talvez, mais perigosa que a dos comunistas.<sup>1</sup> Os camisas-verdes procuravam apresentar suas atividades, que poderiam ser apontadas como suspeitas ou perniciosas à ordem social pela polícia política, como uma precaução e um meio de proteger a cidade dos comunistas, que supostamente continuavam a espreita esperando o momento propício para atacarem os militantes da AIB.

Nos primeiros meses do novo regime, surgiram vários rumores de que o golpe dos camisas-verdes poderia ocorrer a qualquer momento. Confabulações, aquisição de armas, elaboração de senhas para o início das atividades contra o governo, tornaram-se temas comuns na imprensa, nos relatórios policiais e, provavelmente, nas conversas dos que transitavam pelas ruas e estabelecimentos comerciais de Garanhuns. Por meio dos boatos, os supostos dias e horários em que os integralistas pegariam em armas e iniciariam sua vingança contra Vargas e seus aliados, espalhavam-se entre os populares, contribuindo assim com o clima de insegurança social.

Mesmo que o jornal *A Razão* de Garanhuns tenha parado de circular, mapeamos grande número de documentos policiais relativos aos integralistas no referido município. Os relatórios policiais, telegramas, cartas anônimas ou mesmo assinadas por populares e recortes de jornais, que tivessem como tema as atividades clandestinas dos integralistas, começaram a compor os prontuários policiais. Desse modo, a partir desse momento não temos as falas dos integralistas sobre a realidade política local e nacional, mas discursos sobre esses militantes que foram urdidadas por agentes da DOPS.

---

<sup>1</sup> Giselda Brito em sua tese *A lógica da suspeição contra a força do sigma* destacou que o dia-a-dia das atividades policiais da DOPS possibilitou a construção de um acervo de provas materiais contra os considerados inimigos do governo. Os integralistas estavam entre os vigiados, fichados e arquivados por essa polícia política, que no decorrer do Estado Novo utilizou desses dados para reformular a imagem dos membros da AIB para subversivos e inimigos da ordem social. (Cf.: SILVA, G. 2002: 86)

A presença dos integralistas de Garanhuns na documentação produzida, interceptada e recebida pela polícia política, indica que esses militantes da AIB, mesmo com as proibições impostas, mantiveram suas atividades na clandestinidade no pós-1937. Dentre a documentação policial sobre esse momento, encontra-se um processo contra os membros da AIB de Garanhuns, que no final de 1937, armaram-se no intuito de lutar contra os representantes do governo.

Na entrevista com o filho de José Batinha, Ivaldo Rodrigues, ao falar sobre a possibilidade de um grupo de integralistas de Garanhuns ter pegado em armas para derrubar o presidente Vargas, comentou:

*Ficava cismado que ele estava realizando um trabalho de comunicação com o núcleo Integralista de Garanhuns, de Jupi e de São Bento pra preparar um movimento armado para derrubar Getúlio, isso é ridículo, isso é ridículo a idéia de que passava pela cabeça dele é que eles estavam se articulando para [...] Manter o movimento isso mantinha-se mesmo, esse movimento integralista se mantinha caladinho, escondidinho, mas se mantinha. Mas, pra fazer movimento armado e derrubar Getúlio isso seria hilariante como é que três núcleos de Jupi, São Bento e Garanhuns e tavam cogitando de derrubar Getúlio Vargas do poder, só na cabeça de comissário e investigadores. (RODRIGUES, Ivaldo. Entrevista. Recife, 03 de Setembro de 2001.)*

Um dos aspectos relevantes nessa fala encontra-se na negação de um levante armado envolvendo os integralistas de Garanhuns, pois na visão do depoente isso seria impossível, pura criação de investigadores da DOPS. De acordo com Sr. Ivaldo, a inviabilidade estava no fato de que três núcleos da AIB do interior pernambucano não teriam chance de levantar-se belicamente contra Vargas. Porém, ao voltarmos nosso olhar para a prática doutrinária integralista, envolvendo desde os discursos de formação, passando pelos signos e ritos cerimoniais, observa-se um movimento que procurava criar entre os seus membros uma sensação de unidade, de constituírem um único corpo doutrinário do Sigma. Essa observação torna-se pertinente nessa análise pelo fato que no depoimento dado a polícia, alguns destacaram que as ações dos integralistas não se dariam de maneira isolada, mas seria uma continuação de um levante que deveria começar no Rio de Janeiro e tomaria, consecutivamente, todo o país.

Na noite de Natal de 1937, um número considerável de integralistas de Garanhuns ausentou-se do município, levantando suspeitas, pois os camisas-verdes por serem, em sua maioria, católicos, deveriam comemorar essa data com seus familiares e amigos. Esse fato acabou chamando a atenção dos investigadores da DOPS da cidade, além de contribuir com os boatos de que os ex-integralistas, insatisfeitos com a nova realidade política do país, preparavam um golpe para tomar o poder político e entregá-lo a Plínio Salgado. Alguns dos ex-membros do núcleo de Garanhuns estavam juntos com os de Jupi e os militantes de São Bento, onde ficava a fazenda Riachão, local de reunião para a articulação do levante armado. Como resultado da união dos insatisfeitos integralistas desses três municípios pernambucanos, nenhum tiro foi disparado. Esses militantes a AIB esperavam notícias pelo rádio a respeito do levante o qual deveria iniciar-se no Rio de Janeiro, mas isso não aconteceu. Todos voltaram para casa. Contudo, o retorno ao cotidiano da cidade não seria tão simples. A polícia política não deixaria essa “reunião golpista” dos integralistas sem uma resposta. Começa, então, uma nova realidade política para os integralistas de Garanhuns que, acostumados a aturem livremente pelas ruas da cidade, seriam tratados como subversivos e inimigos do governo.

Assim, os representantes da DOPS-PE em Garanhuns, em 30 de dezembro de 1937, iniciaram oficialmente uma investigação sobre o movimento subversivo dos integralistas locais. Como resultado, o processo contra os militantes da AIB chegou a 105 páginas manuscritas, no qual se encontrava depoimentos de ex-integralistas e populares que participaram ou testemunharam a organização do suposto movimento armado. No decorrer dos depoimentos, ao apresentarem suas justificativas para o envolvimento ou não em um suposto golpe de Estado, os intimados a falar acabavam citando nomes de outras pessoas e, consecutivamente, esses citados também foram convocados para prestarem explicações a polícia.

Essa investigação foi coordenada pelo delegado da DOPS-PE de Garanhuns, José Cavalcante de Miranda, assessorado pelo seu escrivão, Emanuel Álvaro Leite. Convocando para deporem integralistas e simpatizantes, empresários e fazendeiros que teriam viabilizado o levante, os policiais começaram a juntar as peças do “quebra-cabeça” que no final formaria uma imagem do crime contra a ordem social dos integralistas. Lembrando que depois da

intentona comunista de 1935, a polícia política passou por um processo de centralização de sua gestão e informação, com o fim de aumentar sua eficiência. O inquérito policial construído em Garanhuns, com depoimentos dos envolvidos e conclusões do delegado, foi encaminhado à Secretaria de Segurança Pública (SSP) após sua conclusão. Essa informação levou-nos a entender que a estratégia do escrivão Emanuel A. Leite de colocar no início dos depoimentos frases como: “logo em seguida compareceu...”, “no mesmo dia veio a essa delegacia...”, além de contribuir com a sua narração feita por esse policial, servia também para, indiretamente, demonstrar o empenho dos agentes da lei no município de Garanhuns de resolverem, o quanto antes, o problema das ações subversivas locais.

A reprodução escrita desses testemunhos deveria servir como base no trabalho policial, não sendo elaborada com o objetivo para que no futuro pesquisadores lessem e questionassem o conteúdo e sentidos discursivos desses textos policiais. Dessa forma, encontramos nesse processo policial, depoentes que possuíam curso superior, outros eram alfabetizados e também tinha indivíduos que não sabiam nem ler e nem escrever. Ao confrontar as declarações desse grupo de intimados tão heterogêneo, independentes de terem sido integralistas ou não, percebe-se que a forma de se expressar e argumentar não se diferenciavam entre eles. Nesse caso, começamos a questionar até que ponto a interferência policial não criou novos sentidos àquelas falas dos depoentes. Dessa maneira, temos em mãos uma documentação sobre um acontecimento (a reunião clandestina de integralistas de três cidades do interior pernambucano, mesmo com as proibições do Estado Novo) que foi contado a partir de vários filtros de interesses, tanto os dos depoentes que procuravam aparecer como inocentes, como dos policiais representantes do governo.

Aproximadamente 40 integralistas de Garanhuns e cidades vizinhas estiveram envolvidos no levante, porém, parece que nem todos foram convocados a explicar-se a polícia, pois no referido processo encontra-se apenas 22 relatos de integralistas e populares que participaram ou presenciaram a suposta organização subversiva. Desses que foram à delegacia, em relação à postura tomada frente ao delegado e seu subalterno, poderíamos dividi-los em quatro grupos: os primeiros, mesmo aparecendo na documentação da polícia como integralistas, tentaram desmentir qualquer participação com a articulação de golpe,

apresentando justificativas pessoais para saírem de Garanhuns na noite de Natal. Como no caso de Solon Vidal dos Santos, representante comercial da *Chevrolet* em Garanhuns, que aparece nos prontuários do pós-1937 como integralista, disse em seu depoimento:

*[...] que no domingo, vinte e seis do corrente, ele declarante, se achava em sua residência e mais ou menos as vinte horas, ali chegou Alezio Amado dizendo que a senhora de Reinaldo Alves, havia mandado pedir a ele declarante o seu automóvel emprestado, fim de mandar buscar Reinaldo no município de São Bento, que ele declarante alegou não gostou de emprestar o automóvel, mas como se tratava de um amigo, ia pessoalmente buscal-o [...]* (Depoimento de Solon Vidal dos Santos sobre levante integralista de Garanhuns. *Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE*)

Ausentando-se de Garanhuns em direção à fazenda Riachão, em São Bento, tinha como motivo fazer um favor a esposa do seu amigo Reinaldo Alves, que estava na referida propriedade. Segundo o depoente, seu amigo tinha sido convocado para ocupar o cargo da Coletoria Federal de Flores dos Leões (atual Carpina), essa notícia tinha sido passada para ele por Alezio Amado. Esse seria então, o motivo de sua saída de Garanhuns, destacando não saber de nenhum levante integralista. Na viagem, Solon deu carona ao sargento da *Brigada Militar do Estado*, José Veríssimo, que era líder do integralismo do município de Pedra e tinha urgência de voltar para lá, no entanto, não sabia a razão de tanta pressa do sargento Veríssimo. Mas, ao regressar a Garanhuns, além do seu amigo Reinaldo Alves, embarcaram no seu automóvel Mario Matos e José Rodrigues (José Batatinha), apontados pelos policiais como os líderes do movimento armado.

No segundo grupo de depoentes, estavam aqueles que fizeram questão de ressaltar que não eram integralistas e nem tinham a intenção de ser, mas que acabaram presenciando a movimentação dos camisas-verdes em São Bento ou nas proximidades de Garanhuns. Esses não deixaram de entregar os envolvidos a polícia. No geral, os depoentes com esse perfil, falaram às autoridades policiais que realmente os integrantes da AIB estavam armados e esperavam o sinal pela rádio de que tinha começado o levante no Rio de Janeiro, para que pudessem dar início, também, ao processo de golpe no interior pernambucano. Segundo as falas desses indivíduos, os seguidos de Salgado tinham cortado o fio do telégrafo de

Garanhuns, para impossibilitar que no momento do golpe, os policiais e populares pudessem pedir ajuda a capital, Recife.

Desse grupo de depoentes que presenciou a organização golpista dos integralistas, alguns estavam presentes por mando de seus patrões, principalmente, do dono da fábrica de queijo de São Bento, Oreste Alves Valença, família proprietária da fazenda Riachão. Esse empresário do ramo de laticínios contribuiu para a mobilização dos envolvidos no suposto “levante verde” com o empréstimo de um caminhão e do motorista, o senhor Mariano de Souza Correia. Ao ser convocado pela polícia para depor, Correia falou em certo momento:

*[...] no dia vinte e cinco do mez fuido à tarde, o seu patrão Orestes Alves Valença lhe disse que naquele dia o declarante ia sahir com o caminhão à disposição de José Batatinha [...] que todos dentro do mato à margem da linha férrea, na estrada, começaram diversas pessoas a chegar, muitas armadas de rifles, fuzis e armas curtas; que nessa ocasião José Batatinha pediu ao declarante um alicate e este lhe sendo entregue ouviu quando José Batatinha chamou uma pessoa que soubesse subir no poste telegráfico e cortar o fio; que o declarante aí vio quando o fio foi cortado cahindo até um claro de fôgo na ocasião, na vendo o declarante, porem, quem cortou; que uma ou duas horas depois de se acharem ali acampados, José Batatinha, mandou o pessoal tomar o caminhão e recomendou para que se cobrissem com o encerado para que se por ventura encontrassem com um automóvel não cauzasse desconfiança.* (Depoimento de Mariano de Souza Correia sobre levante integralista de Garanhuns. *Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE*)

Na documentação manuscrita da polícia, alguns nomes e trechos dos depoimentos foram marcados com lápis vermelho. Posteriormente, alguns daqueles que foram marcados na transcrição dos depoimentos, foram convocados para dar suas versões sobre a noite de 25 de dezembro de 1937. Esses registros feitos pelas canetas vermelhas dos policiais da DOPS indicam um dos métodos utilizados por eles na construção das teias de relações entre os classificados como inimigos sociais.

Por não ter relações políticas e pessoais com integralismo e seus membros, Correia e outros não tiveram problema de falar sobre o golpe, fornecendo assim informações para a construção de um sentido de subversão integralista para o processo policial. Por meio desses, a polícia acabou sabendo da movimentação dos integralistas entre São Bento, Garanhuns e Jupi.

De acordo com esses depoentes, a liderança integralista tinha conseguido, em São Bento, a condução para o movimento armado, voltando logo depois para as proximidades de Garanhuns, onde reuniu os que se envolveriam no levante. No decorrer da fala do motorista da fábrica de laticínio, como também apareceu em outros depoimentos, por causa da demora da reunião dos integralistas, José Batatinha mandou dois camisas-verdes entrarem em Garanhuns para comprar bolachas para alimentar a “tropa” integralista. Depois se dirigiram para o distrito de Jupi, onde esperariam para dar início ao golpe.

O terceiro grupo formou-se por militantes e simpatizantes da AIB que disseram não saber de nada, mas caso os boatos fossem verdadeiros, eles seriam os primeiros a reprovar. De acordo com esses, um movimento armado desvirtuava a integridade construída em torno do integralismo e de seus membros durante os anos de atuação legal. Como se percebe no depoimento de Virgílio de Oliveira Paiva (Nô), que disse:

*[...] pois, em caminho da fazenda encontra o referido caminhão derigido pelo chauffeur Mariano a quanto Mario Matos ordenou que voltasse e pagasse todo pessoal de Garanhuns que se encontrava na fazenda e fizesse no mesmo veículo regressor; que deixára o dr. Mario Matos bem como o viajante desconhecido na fazenda de Alceu [Valença], tendo voltado incontinente; que até então não desconfiará de tramas revolucionarias e até mesmo no dia seguinte, depois então veio a saber que tratava-se de um movimento subversivo; que o depoente é integralista, entretanto nenhum conhecimento teve anteriormente de qualquer movimento, mesmo porque o integralismo tem a sua doutrina isenta de revolução; que é de seu conhecimento, que José Batatinha está preso dadas as mas idéas subversivas. ( Depoimento de Virgílio de Oliveira Paiva (Nô) sobre levante integralista de Garanhuns. *Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE*)*

Mesmo com as proibições advindas com o Estado Novo, a imagem que esse depoente tentou passar para a polícia foi de um movimento pacífico e preocupado com a ordem social e política do país. O senhor Nô procurou isentar o integralismo enquanto uma instituição política e doutrinária, culpando, em contrapartida, os militantes que pegaram em armas para dar um golpe. A partir desse depoimento podemos observar que nem todos os camisas-verdes envolveram-se em atividades clandestinas, ficando esses atos restritos aos integralistas mais exaltados.

Por fim, o quarto grupo era formado pelos líderes do integralismo em Garanhuns, que tentaram justificar, a partir de outro olhar, a saída deles e de seus companheiros do município no dia de natal, assim, afasta o movimento de qualquer suspeita de subversão. Como o dentista Mario Matos, Chefe Municipal, em seu depoimento falou em certo:

*[...] informado de que haveria sido revistadas as casas e os núcleos integralistas em Correntes, Caruaru, Pesqueira, Rio Branco e preso o chefe municipal integralista de Catende e ele declarante receioso de que idênticas medidas seriam tomadas aqui nesta cidade, o declarante resolveu se ausentar desta cidade com alguns amigos [...] auzencia na cidade e atribuída a mesma pruridos revolucionários, que talvez em consequência disso, ele declarante soube ter sido detido um dos seus companheiros José Rodrigues da Silva, que seguiu para Recife, que o declarante conhecedor dessa prisão e precisando se ausentar da cidade para a Fazenda Santa Rosa, a serviço de sua profissão de dentista, viera a esta delegacia e informara ao Cap. Delegado dessa viagem, que essa viagem não lhe foi adotada e somente hontem a noite ele declarante recebera a ordem de que não mais poderia se ausentar daqui, bem como não poder receber em sua casa, pessôas que dessem logar a suspeitas, que ele declarante não sabe o que atribuir o absurdo de estar ele articulando revoluções, uma vez que estas não se fazem sem armas, que ele declarante pode afirmar por si e pelos seus companheiros que nunca possuíram e nem possuem armas de espécie alguma[...]* (Depoimento de Mario Matos sobre levante integralista de Garanhuns. *Prontuário Funcional n°1066 – DOPS-PE/APEJE.*)

Nesse trecho do depoimento de Mario Matos, o medo de uma repressão policial que, segundo boatos, vinha acontecendo em outras cidades do interior pernambucano, chegasse até ele e seus companheiros, levaram esses a saírem de Garanhuns e irem para a fazenda Riachão, em São Bento. Mas, a ausência dele e de outros camisas-verdes da cidade corroborou com os rumores de que se organizava de fato um golpe integralista. Ainda nesse depoimento, o ex-Chefe da AIB municipal procurou argumentar que não tinha como organizar uma revolução sem armas e nenhum dos que foram para a referida fazenda na cidade vizinha portava material bélico. Entretanto, não era isso que os não-integralistas e os expectadores da movimentação dos militantes da AIB disseram.

Ao mesmo tempo em que tentava justificar sua saída de Garanhuns na noite de Natal de 1937, o depoente destacou as restrições impostas a ele pela polícia, que o proibia de sair de Garanhuns e de receber em casa visitas de pessoas consideradas subversivas, provavelmente, os outros ex-integralistas da cidade. Em seguida, de acordo com o escrivão, Emanuel Álvaro

Leite, o bacharel em direito Antônio Tenório de Almeida, dirigiu-se para prestar explicação à polícia. Em seu depoimento, argumentou da seguinte forma a ausência dos integralistas da cidade de Garanhuns:

*[...] que depois do fechamento do integralismo os integralistas de responsabilidade daqui, ficaram esperando a reabertura das sedes com o funcionamento da sociedade civil, em que o integralismo se devia transformar, que também ficaram inquietos com a possibilidade de um levante comunista, que pelos motivos acima, sempre procuravam os responsáveis estarem em contacto para uma eventualidade dessas; que o seu intento era ter pessoal disponível no caso de ser preciso colaborar com a autoridade, que nos últimos dias se vinham impressionando com os boatos que surgiam, que dede a véspera de Natal, com caíam os integralista a se sentir inquietos com a noticia de que em alguma localidade se fizeram buscas em domicílios de integralistas[...]* (Depoimento de Antônio Tenório de Almeida sobre levante integralista de Garanhuns. Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE.)

Além do provável receio da ação policial contra os integralistas, Antônio Tenório de Almeida apresentou outro motivo para a saída de alguns camisas-verdes de Garanhuns no Natal de 1937: o medo de um golpe comunista. O integralismo, na visão deste ex-integralista, representava uma força de defesa da pátria contra as ações subversivas dos comunistas. Assim, os “integralistas de responsabilidade daqui”, como falou Almeida, acreditavam segundo o depoente que tinha de formar uma espécie de milícia auxiliar ao governo, caso os comunistas voltassem a levantar-se contra sistema político instituído por Vargas. Com essa argumentação, Almeida tentou mudar a interpretação policial de que os integralistas de Garanhuns estavam organizando um golpe armado, mas sua preocupação era com o futuro do país, pois havia uma ameaça dos comunistas dominarem a nação.

Na propaganda política do integralismo, nos anos que antecederam ao Estado Novo, o movimento aparecia como única força organizada capaz de enfrentar o comunismo. Partindo dessa informação, a argumentação do ex-integralista Almeida possuía sentido entre os militantes integralistas, pois sem a AIB, o que, ou quem poderia deter os comunistas?. Em outro depoimento, Antonio Valença da Fonseca, motorista em São Bento, que passeando com um amigo integralista, foi convidado a participar de uma reunião, que ao procurar saber sobre o que se tratava, recebeu a seguinte resposta: “[...] estavam tratando de um levante e aquelas

peessoas que ali iam chegando estavam se foragindo com medo de um ataque comunista.” (Depoimento de Antonio Valença da Fonseca sobre levante integralista de Garanhuns. *Prontuário Funcional n°1066 – DOPS-PE/APEJE.*)

Mas, essa argumentação dos líderes do integralismo de Garanhuns parece não ter influenciado na conclusão do delegado José Cavalcante de Miranda. Em seu relatório, considerou que o movimento armado dos integralistas de Garanhuns, com os militantes da AIB das cidades vizinhas, tinha acontecido e que o golpe não teve continuidade porque não "estourou" no Rio de Janeiro. Depois desse momento, principalmente com as tentativas de levantes ocorridas durante o ano de 1938, a ação policial foi de repressão aos integralistas, que começaram a ser discursados como inimigos da ordem social e política vigente com o Estado Novo.

Utilizando-se de uma estratégia adotada pelo próprio governo Vargas para a implantação do Estado Novo, no caso, o medo de um ataque comunista, os integralistas de Garanhuns tentaram fundamentar a importância de continuarem a se encontrar, pois entendiam a AIB como uma milícia de auxílio ao governo contra uma nova tentativa comunista. Mas, não devemos perceber esses discursos apenas como desculpas vazias de quem pretendia se livrar de seu algoz, pois os jovens integralistas acreditavam ser a única força organizada e preparada para enfrentar os comunistas, que subjugados aos interesses da Rússia Soviética a qualquer momento tentariam implantar o caos social e tomar a força o poder. No mesmo sentido, não podemos descartar a intenção de golpe do integralismo, que se materializou no ano seguinte, em março e maio de 1938.

### **Referências**

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da Era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

MIRANDA, Gustavo Felipe. *O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo*. Rio de Janeiro: UERJ, 286 f. Dissertação (Mestrado em História). UERJ/IFCH. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Giselda Brito. *A Lógica da suspeição contra a força do Sigma: discursos e policia na repressão aos integralistas em Pernambuco*. Recife, UFPE. 277f. Tese (Doutorado em História) UFPE/CFCH, 2002.